



ARTIGO ORIGINAL

A PRÁTICA REGULAR DE GINÁSTICA ARTÍSTICA NA MINIMIZAÇÃO DOS SINTOMAS RECORRENTES DO AUTISMO EM CRIANÇAS: A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

ISSN: 2178-7514

Vol. 8 | N° 3 | Ano 2016

The regular practice of gymnastics in reducing recurrent symptoms of autism in children: the perspective of teachers

Ana Paula Borelli David¹, Jacqueline Sampaio Andrade¹, Patrícia Arruda de Albuquerque Farinatti¹, Jonas Lírío Gurgel², Flávia Porto¹

RESUMO

O autismo é uma síndrome de procedência, ainda, não conhecida que, geralmente, tem seus sintomas evidenciados na infância. O presente estudo destaca a ginástica artística (GA) como uma ferramenta minimizadora dos sinais recorrentes dessa síndrome. **Objetivo:** Investigar como professores de GA para portadores de autismo percebem os efeitos da prática regular desse esporte em características sociais e comportamentais de seus alunos. **Métodos:** Participaram deste estudo, seis professores, todos atuantes no mesmo projeto para crianças autistas, os quais responderam a um questionário de perguntas fechadas. **Resultados:** Todos os professores consideraram que houve uma melhora significativa, após o início da prática regular da GA nas seguintes características: independência de realizar algumas tarefas; coordenação motora; demonstrações de afeto; relacionamento com o professor e; compreensão das tarefas solicitadas. Todo o grupo considerou que o desenvolvimento da fala e do diálogo teve pequeno avanço após o início das aulas. Quanto à cognição, 67% (n=4) dos professores acreditavam que houve um pequeno avanço e os outros 33% (n=2), que houve um avanço significativo. O aumento do interesse da criança pela GA foi notado por 83% (n=5) dos professores. **Conclusão:** Como tratamento complementar, a GA pode ajudar na minimização dos sintomas autísticos.

Palavras-chave: Esporte. Transtorno Autístico; Criança Excepcional

ABSTRACT

Autism is a syndrome of origin also not known that usually has its symptoms evident in childhood. This study highlights the artistic gymnastics (GA) as a tool Minimizing the recurring signs of this syndrome. **Objective:** To investigate how GA teachers for autism sufferers realize the effects of the regular practice of this sport in social and behavioral characteristics of their students. **Methods:** Participated in this study, six teachers, all working on the same project for autistic children, who answered a questionnaire of closed questions. **Results:** All teachers felt that there was a significant improvement after the start of the regular practice of GA the following characteristics: independence to perform certain tasks; motor coordination; displays of affection; relationship with the teacher and; understanding of the tasks requested. The entire group considered that the development of speech and dialogue had small advance after the start of classes. As for cognition, 67% (n = 4) of teachers believed that there were a small advance and the other 33% (n = 2), there was a significant advance. The increased interest of the child by the GA was noted by 83% (n = 5) of teachers. **Conclusion:** As a complementary treatment, the GA can help in reducing autistic symptoms.

Keywords: Sports. Autistic Disorder; Child, Exceptional

1 - Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

2 - Instituto de Educação Física - UFF

Autor de correspondência

Flávia Porto
Departamento de Esportes Individuais
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ
E-mail: flaviaporto_@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Autistas podem apresentar dificuldades para se relacionarem com outras pessoas, independente da fase da vida. O autismo pode provocar maneirismos motores estereotipados, resistência a mudanças ou insistência na monotonia e maneiras específicas de se comunicar, conforme afirma Kanner (1943)¹, o que pode ocasionar prejuízo permanente na interação social¹. Outros comprometimentos provenientes do autismo são comportamento sem emoções, atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade na capacidade de iniciar uma conversa ou manter um diálogo, dificuldade de socializar, pouca imaginação para brincadeiras de faz de conta ou de imitação e, conseqüente, dificuldade para diferenciar o real do imaginário, além de comportamentos psicóticos (American Psychiatric Association, 2000)¹. Talvez por essas barreiras, há poucos estudos que relacionam a prática do exercício físico às características do autismo.

Kern², no entanto, afirma que a prática de exercícios físicos pela criança autista pode influenciar na liberação de neurotransmissores que diminuem a ansiedade, na melhora do desempenho acadêmico e comportamental. Nessa mesma linha

de pensamento, Tomé³ afirma que a inserção da Educação Física no programa de ensino dos autistas além de desenvolver as habilidades sociais, influi positivamente na qualidade de vida desses indivíduos. Sendo assim, acredita-se que a iniciação esportiva possa ser eficiente para minimizar certos prejuízos no comportamento de crianças portadoras de autismo.

De acordo com Vatauvuk⁴, porém, regras e rigor técnico inerentes aos esportes poderiam causar frustração à criança autista. Já atividades cíclicas, como ginástica, natação, corridas leves, relaxamento, atividades em circuito, musculação e atividades aeróbias seriam mais coerentes com a realidade da criança³. Em termos motores, atividades que envolvam obstáculos (subida e descida), transposição de objetos (plinto, pneus, arcos), mudanças de direção, equilíbrio dinâmico e estático, saltos, lançamentos, jogos de bolas (chute ao gol, arremesso a sexta de basquete, arremesso ao gol do handebol, vôlei, rolar, agarrar, esquivar, entre outras) com começo, meio e fim identificados, auxiliariam na aquisição de habilidades motoras (Labanca, 2000)³.

No que se refere à ginástica artística (GA), trata-se de um esporte olímpico individual, com provas femininas e masculinas, disputadas em

diferentes aparelhos: paralelas assimétricas e trave são provas, exclusivamente, femininas; cavalo com alças, argolas, paralelas simétricas e barra fixa são provas, exclusivamente, masculinas; já, solo e salto sobre a mesa são disputadas por ambos os sexos (SMOLEVSKIY; GAVERDOVSKIY, 1996)⁵. Dadas as características desse esporte, as aulas de GA são sempre variadas quanto ao conteúdo e complexidade de movimentos, o que favorece o desenvolvimento da coordenação motora, força, flexibilidade, equilíbrio, concentração⁶.

Tratando-se do ensino um processo pedagógico em que alunos e professores são atores de igual importância, e relacionando-se a esse contexto, aqui, narrado, pergunta-se: qual a influência, sob a ótica dos professores, da prática regular de GA na minimização dos sintomas recorrentes do autismo em crianças?

Que características sociais e comportamentais podem ser observadas nessas crianças, antes e após algumas aulas praticadas? Como hipótese, acredita-se que, na visão dos professores, a prática regular da GA por crianças autistas minimiza sintomas sociais e comportamentais desta síndrome. Acredita-se, também, que isso possa ser benéfico, também, para pais e responsáveis. A GA, além de trabalhar a coordenação motora, trabalha com contatos visuais e afetivos professor/aluno. Isso pode favorecer o desenvolvimento de afeição por outrem na criança autista.

O objetivo do presente estudo foi

investigar como professores de crianças autistas percebem os efeitos da prática regular da GA sobre características sociais e comportamentais exibidas pela criança autista. De maneira mais específica, foram investigadas as seguintes características sociais e comportamentais: a) Sociais: Relacionamento com outras pessoas, desenvolvimento da linguagem verbal e capacidade de iniciar ou manter uma conversa e; b) Comportamentais: Coordenação motora, compreensão das tarefas solicitadas, e aspectos cognitivos.

MÉTODOS

A pesquisa foi, predominantemente, qualitativa, descritiva, transversal e de campo⁷. Uma equipe de professores de GA, de uma dada academia, localizada na cidade do Rio de Janeiro-RJ, participou em sua totalidade desta investigação, totalizando seis professores. Todos os voluntários foram devidamente informados sobre o escopo e características da pesquisa, e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a utilização de seus dados para esta pesquisa.

Procedimentos

O instrumento de coleta de informações dos professores consistiu em um questionário, não validado, contendo uma escala com nove itens:

1. Relacionamento com o professor;
2. Desenvolvimento da fala;
3. Diálogo;

4. Independência de realizar algumas tarefas;
5. Coordenação motora;
6. Demonstrações de afeto;
7. Cognitivo;
8. Compreensão das tarefas solicitadas; e
9. Interesse pela GA.

Para cada item e com base em suas percepções acerca das crianças autistas participantes das aulas de GA na academia, o professor deveria atribuir uma nota que variava de 0 a 2, sendo:

0 (zero), se, para aquele item, o professor não percebesse qualquer avanço desde o início da prática da GA por esses alunos;

1 (um), se, para aquele item, a percepção do

professor foi de pequeno avanço desde o início da prática da GA por esses alunos; e
2 (dois), se a dada percepção foi de um avanço significativo desde o início da prática da GA.

O professor deveria marcar, apenas, uma alternativa pra cada item. Os questionários foram aplicados e respondidos de forma individual que nenhum professor pudesse influenciar as respostas do outro.

Para o tratamento dos dados, admitiu-se peso um a cada resposta ao questionário e realizou-se estatística descritiva considerando a frequência de resposta. Para auxiliar nessa tarefa, foi usado um software estatístico (Microsoft Excel).

Tabela 1 – Percepção dos professores de Ginástica Artística quanto à influência de suas aulas nos alunos autistas.

	Sem percepção de mudanças	Pequeno avanço	Avanço significativo
Relacionamento com o professor	0%	0%	100% (n=6)
Desenvolvimento da fala	0%	100% (n=6)	0%
O diálogo	0%	100% (n=6)	0%
Independência de realizar algumas tarefas	0%	0%	100% (n=6)
Coordenação motora	0%	0%	100% (n=6)
Demonstrações de afeto	0%	0%	100% (n=6)
Cognitivo (reconhecimento de formas geométricas, números, cores...)	0%	67% (n=4)	33% (n=2)
Compreensão das tarefas solicitadas	0%	0%	100% (n=6)
Interesse pela G.A	0%	17% (n=1)	83% (n=5)

DISCUSSÃO

A hipótese inicial desse trabalho era que, sob a ótica dos professores, a prática regular da GA por crianças autistas é de suma importância na minimização tanto dos sintomas sociais quanto de sintomas comportamentais da síndrome

estudada. O meio de intervenção investigado foi o desporto, no caso a GA, o qual os professores envolvidos no projeto acreditam que possa agir como uma ferramenta facilitadora, juntamente com os outros tipos de tratamento do autismo, para auxiliar no desenvolvimento da criança com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Os resultados encontrados se mostraram favoráveis à hipótese inicial do trabalho. Crianças autistas podem apresentar comportamento agressivo, dificuldade de concentração ou de escolher no que deve manter a sua atenção (Mundy e colaboradores, 1994)^{8,9}.

No relacionamento com o professor e nas demonstrações de afeto, todos os professores constataram uma melhora significativa nos alunos desde o início da prática da GA. Talvez isso possa ser explicado pela cautela no planejamento da aula pelo professor, e o contato direto entre professor e aluno estabelecido durante as aulas, o que gera maior confiança e segurança à prática da GA por parte do aluno.

Na opinião dos professores do projeto, o relacionamento e a qualificação de um professor são fatores determinantes para facilitar a explicação e, conseqüentemente, a compreensão das tarefas pelos alunos para que eles consigam executá-la de forma eficiente. Lopes (1995) *apud* Tomé³ aconselha que o professor estimule este indivíduo até que ele consiga adquirir independência no movimento desejado, tendo como objetivo executar a tarefa sozinho ou com o mínimo de ajuda possível.

Como já relatado, a GA é propícia para desenvolver qualidades físicas como flexibilidade, força, velocidade, resistência muscular, equilíbrio e coordenação motora (Souza; Almeida, 2006)⁶.

Tratando-se de alunos jovens, isso parece ser, ainda, mais efetivo. Segundo Ferreira (2000) *apud* Bessa e Pereira¹⁰, movimentos que

um indivíduo aprende nos primeiros 6 anos de vida são a base para movimentos que serão aprendidos, posteriormente. As habilidades motoras adquiridas na infância são aperfeiçoadas na fase adulta. Essa informação corrobora com o item do questionário relacionado à coordenação motora, cuja resposta dos professores foi unânime apontando para um avanço significativo, nesse aspecto das crianças, desde o início das aulas.

Tendo-se em vista que o desenvolvimento da coordenação motora pode estar relacionada ao aumento da capacidade do indivíduo em solucionar problemas (Dantas et al., 2009)⁶ e tarefas básicas do dia-a-dia¹¹, autores (Lopes et al., 2003)⁶ sugerem que problemas na coordenação podem levar a instabilidades no comportamento.

A maioria dos professores percebeu um aumento significativo do interesse pela GA dos alunos autistas participantes do programa. Por ter um número considerável de elementos (giros, saltos, acrobacias, corridas, etc.) e aparelhos, há um leque de opções que o professor possui para planejar e ministrar suas aulas de forma lúdica e atrativa. Apesar de não ter sido o foco da presente pesquisa, ao observar as aulas do dado Projeto, verificou-se que a ludicidade, a qual se remete ao lazer, às brincadeiras e ao divertimento, é uma característica presente em todas as aulas, independente do professor que ministrava.

Um estudo feito por Bagarollo e Panhoca¹¹ afirmou que adolescentes autistas demonstraram prazer ao relatarem a seus pediatras/fonoaudiologistas que vivenciaram atividades de lazer com seus parentes.

Essas mesmas autoras sugeriram que indivíduos autistas devem ter experiências sociais de lazer e de novas aprendizagens. Complementaram afirmando que atividades de lazer para indivíduos com esta síndrome são “alavancas para sua aprendizagem e desenvolvimento” (p.103), pois, tais vivências permitiram aos adolescentes tomar posse de afazeres do dia-a-dia e da cultura, contribuindo para um melhor desenvolvimento social e para uma melhor qualidade de vida desse indivíduo.

É importante ressaltar que crianças autistas podem desenvolver medo a algumas ações que, aparentemente, não apresentam perigo iminente, além disso, podem exibir respostas sensoriais e perceptuais bem particulares, podendo ser hiper ou hipossensíveis a alguns estímulos sonoros, visuais, táteis, olfativos e gustativos (CHARMAN; BAIR, 2002; FILIPEK et al., 1999; NEWSOM; HOVANITZ, 2006)⁹. Observa-se que pequenas atitudes, sons, gostos ou cheiros, que, aparentemente, não incomodam pessoas não-autistas, possam causar um transtorno enorme àqueles que tem a síndrome em questão. O fato das aulas de GA serem ministradas dentro de uma academia de grande porte, onde existem aulas com músicas com volume elevado além da grande circulação de pessoas no local, pode prejudicar na parte inicial, de inserção da criança no esporte. O professor responsável pelo projeto relatou que muitas crianças quando iniciaram suas aulas chegavam ao salão de GA aparentemente perturbadas, ou com as mãos tampando os ouvidos, criando assim mais uma resistência para o início da prática daquele esporte. Porém, com o decorrer das aulas, muitas delas perceberam que gostavam de vivenciar a prática da GA com o seu professor, passando a se importar menos

com esse tipo de perturbação. Ou seja, a prática da GA era tão prazerosa/divertida pra alguns alunos que a questão das perturbações externas foram esquecidas.

No que se refere ao desenvolvimento da fala e ao desenvolvimento cognitivo percebido pelos professores de GA com seus alunos autistas, mais da metade da amostra percebeu, apenas, um pequeno avanço dos alunos. Silva e Mulick⁹ relatam que indivíduos autistas possuem perfis bem diversificados, havendo uma variação em seus padrões de estereotípias e comportamentais, nas habilidades cognitivas, sociais, adaptativas, comunicativas e pré-acadêmicas. A partir disto, torna-se justificável o fato de as crianças autistas serem atendidas, individualmente, o que permite ao professor conhecer melhor determinado aluno, descobrir suas habilidades e dificuldades, investigar seus comportamentos estereotipados, entre outros fatores, tornando a aula mais efetiva para as necessidades específicas da criança.

CONCLUSÃO

A análise dos dados evidencia uma nítida melhora nas características do autismo que foram objetos do presente estudo. Apesar do número restrito de professores entrevistados, o caráter descritivo e os resultados devem ser valorizados por mostrar um resultado positivo acerca da intervenção com a GA para alunos autistas. Esse esporte parece ser uma ferramenta eficiente, de resultados de médio e longo prazo, que, se somado às outras intervenções (medicamentosas, psicanalíticas, fisioterápicas, entre outras), de forma correta e equilibrada, pode agir para minimizar os sintomas autísticos.

Sugere-se como propostas para outras pesquisas, estudos de caso, longitudinais, com cada aluno do Projeto, respeitando-se, assim, toda a diferença e a individualidade que a síndrome do autismo proporciona à cada pessoa. Além disso, investigações sobre a influência de outros esportes nas características do autismo, tanto sob a ótica dos professores e/ou dos familiares quanto à luz da ciência (via revisão bibliográfica) poderão contribuir para um maior leque de conhecimentos nessa área pouco investigada até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

1. Klín A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral Introdução A uti s m o. Rev Bras Psiquiatr. 2006;28(1).
2. Kern L, Koegel RL, Dyer K, Blew PA, Fenton LR. The effects of physical exercise on self-stimulation and appropriate responding in autistic children. J Autism Dev Disord. 1982;12(4):399–419.
3. Tomé MC. Educação Física como Corporal de Autistas . Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e. Mov Percepção. 2007;11(8):231–48.
4. Vatauvuk M de C. Ensinando Educação Física e Indicando Exercícios em uma Situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo : Foco na Integração Social. In: Congresso Autismo – Europa. 1996. p. 1–12.
5. Nunomura M, Pires FR, Carrara P. Análise de Treinamento na Ginástica Artística Brasileira. Rev Bras Cienc Esporte. 2009;31(1):25–40.
6. Alves EC, Silva KK, Gusmão TB, Vieira MM. A influência da prática da ginástica artística na coordenação motora de crianças. Coleção Pesqui em Educ Física. 2010;9(5):21–6.
7. Appolinário F. As dimensões da pesquisa. In: Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. 2o ed São Paulo: Cengage Learning; 2012. p. 59–71.
8. Bosa C. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. Psicol Reflexão e Crítica. 2002;15(1):77–88.
9. Silva M, Mulick JA. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. Psicol Ciência e Profissão [Internet]. Conselho Federal de Psicologia; 2009 [citado 4 de abril de 2016];29(1):116–31. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=es
10. Bessa MF de S, Pereira JS. Equilíbrio e coordenação motora em pré-escolares: um estudo comparativo. Rev Bras Ciência e Mov. 2002;10(4):57–62.
11. Bagarollo MF, Panhoca I. História de vida de adolescentes autistas: contribuições para a Fonoaudiologia e a Pediatria. Rev Paul Pediatr [Internet]. Associação Paulista de Pediatria; março de 2011 [citado 4 de abril de 2016];29(1):100–7. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822011000100016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Obs: Os autores declararam a não existência de conflitos de interesses.